

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: PERSPETIVAS DE INVESTIGAÇÃO NACIONAL E INTERNACIONAL

COORD. ISABEL BARCA
LUÍS ALBERTO MARQUES ALVES



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Educação Histórica: Perspetivas de Investigação Nacional e Internacional
(XV Congresso das Jornadas Internacionais de Educação Histórica)

COORDENAÇÃO

Isabel Barca

Luís Alberto Marques Alves

EDIÇÃO: CITCEM

Centro de Investigação Transdisciplinar
«Cultura, Espaço e Memória»

DESIGN:

by Scala | Graphic Performance

(de acordo com as normas CITCEM)

ISBN

978-989-8351-60-9

Porto, 2016

—
Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 – Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.



CONTRIBUIÇÕES DAS PESQUISAS BRASILEIRAS DO LABORATÓRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO HISTÓRICA (LAPEDUH/UFPR) AOS DEBATES ATUAIS DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA

LUCAS PYDD NECHI³⁵

RESUMO

Apresentação realizada no XV Congresso Internacional das Jornadas de Educação Histórica, no Simpósio “Educação Histórica: perspectivas de investigação nacional e internacional”, com o objetivo de apresentar os mais recentes trabalhos do grupo de pesquisadores do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica da Universidade Federal do Paraná (LAPEDUH-UFPR). Este artigo apresenta teses e dissertações produzidas a partir de 2009, relatos dos cursos de formação de professores oferecidos pelo Laboratório e uma breve discussão acerca do contexto político brasileiro em relação à educação.

Palavras-chave: *Educação Histórica; LAPEDUH.*

INTRODUÇÃO

O presente artigo busca apresentar algumas das recentes contribuições do grupo de pesquisadores do *Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica*, da Universidade Federal do Paraná, em Curitiba, Brasil (LAPEDUH/UFPR). Nos últimos anos, as pesquisas deste grupo demarcam profundos avanços no debate acerca do conhecimento da didática da História. Tais pesquisas, em sua maioria trabalhos de dissertação de mestrado e teses de doutorado, abrangem os mais variados aspectos das relações de ensino e aprendizagem da História, tanto em suas construções teóricas como em observações empíricas. Destaca-se, ainda, o trabalho conjunto realizado entre o grupo brasileiro citado e o grupo de pesquisadores portugueses, sobretudo da Universidade do Minho, os quais juntos constituíram uma via colaborativa de pesquisas, difundidas e debatidas nos Congressos Internacionais das Jornadas de Educação Histórica, que celebra sua décima quinta edição neste ano de 2015.

35 Bolsista do “Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior” (PDSE). BOLSA CAPES: proc. BEX 10573/14-3. Doutorando da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e do Special Research Program no Institute of Education da University College Londo (IoE UCL) e pesquisador do Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica (LAPEDUH UFPR). Orientadora: Prof. Dra. Maria Auxiliadora Schmidt; Orientador IoE: Prof. Dr. Arthur Chapman. Email: lucaspyddnechi@hotmail.com.

O LAPEDUH, em seus 12 anos de existência capitaneado pela professora Dra. Maria Auxiliadora Schmidt, delimita seu recorte teórico a partir da teoria da consciência histórica do filósofo alemão Jörn Rüsen, difundida em língua portuguesa principalmente a partir das primeiras traduções da trilogia Teoria da História (RÜSEN, 2001, 2007a e 2007b). Desde então, o empenho dos integrantes do LAPEDUH é de aproximar a discussão da teoria da História de pesquisadores alemães e de toda Europa à realidade educacional brasileira, com suas características, limites e desafios próprios.

Neste trabalho procuro sintetizar as contribuições de colegas pesquisadores utilizando um enfoque teórico como critério de divisão em grupos temáticos, bem como contextualizar os desafios da realidade educacional brasileira em relação às políticas públicas de educação básica. Assim, este texto está dividido em três seções: Teses e Dissertações, Formação de Professores e, por fim, Contexto Histórico e Político Brasileiro da recente produção do LAPEDUH.

TESES E DISSERTAÇÕES

Em 2011, o professor Geyzo Germinari realizou uma importante reflexão sobre a produção acadêmica do LAPEDUH, atrelando-a às importantes discussões realizadas em países como Inglaterra, Estados Unidos, Canadá e Portugal (GERMINARI, 2011). Germinari debate as correlações entre linhas de pensamento e de pesquisa de diferentes países que possuem, em comum, o interesse e o foco na aprendizagem histórica, inscrita na cognição histórica de crianças e jovens em processo de educação formal. Para este autor tais debates, pesquisas e produções são elementos suficientes para serem considerados como constituidores da Educação Histórica como um campo de pesquisa, pois “diferente da pesquisa sobre o desenvolvimento cognitivo da aprendizagem referenciada na Psicologia da Educação, as análises da cognição no viés da Educação Histórica tomam como referência a própria epistemologia da História” (GERMINARI, 2011: 56).

Os trabalhos apresentados a seguir foram consultados no site do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná³⁶, no site do LAPEDUH³⁷ e nos Anais da edição de 2014 do Congresso Internacional das Jornadas de Educação Histórica, usando como recorte temporal as publicações de pesquisas a partir de 2008.

Conceitos substantivos históricos

As pesquisas que focam suas investigações em conceitos substantivos históricos, definidos pelo professor inglês Peter Lee (LEE, 2001, 2003, 2005 e 2006), possuem em comum a escolha de conceitos de grande relevância tanto no debate histórico brasileiro quanto

36 <http://www.ppge.ufpr.br/>.

37 <https://lapeduh.wordpress.com/>.

na formação de crianças e jovens. Destacam-se aqui trabalhos sobre os seguintes conceitos substantivos: África, Religião, Ditadura Militar Brasileira e Islã.

A professora Adriane Sobanski desenvolveu sua dissertação de mestrado em torno do conceito “África” (SOBANSKI, 2008), tendo como objetivo a reflexão crítica das consequências da Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003 que tornou obrigatório no Brasil o ensino de História da África e da cultura afro-brasileira. Para tanto, foram investigados pensamentos históricos de professores e jovens brasileiros e portugueses. Sobanski afirma que a lei não contempla a necessidade de formação dos professores, principalmente em relação ao uso de fontes históricas em sala de aula:

[...] ficou evidente que a consciência histórica dos jovens estudantes, sejam brasileiros ou portugueses, é elaborada a partir da interferência dos seus professores. Se estes não têm uma relação direta com as fontes, o mesmo acontecerá com seus alunos que, portanto, passam a reproduzir um conhecimento apreendido pela explicação de seus professores (SOBANSKI, 2008: 112).

A pesquisadora concluiu, dentre outros elementos, que deveriam ser somadas à lei capacitações fundamentadas em diversificadas historiografias e no contato de professores e alunos com fontes históricas (SOBANSKI, 2008, p. 113).

Já a professora Lilian Castex, também em 2008, investigou o conceito de “Ditadura Militar Brasileira”, o qual ainda desperta inúmeros debates e questionamentos políticos. Este período triste da História brasileira, apesar de recente, é muitas vezes pouco compreendido pelos estudantes. Castex investigou naquela ocasião como o processo de escolarização influencia a compreensão dos jovens em relação ao conceito substantivo histórico “Ditadura Militar Brasileira”.

Os jovens e professores investigados pertenciam a duas escolas: uma pública e uma particular. A investigação aponta que houve progressão do pensamento histórico dos alunos após a intervenção dos professores especificamente em relação ao assunto. Porém, a análise conjunta dos livros didáticos apresentou que tais materiais não apresentam noções multiperspectivadas da historiografia, o que incide em consequências determinantes para a formação da consciência histórica dos jovens alunos. Para a autora, a formação dos professores e os livros didáticos utilizados não contribuem para a investigação do conhecimento prévio dos alunos em relação ao conceito investigado, limitando o desenvolvimento de sua aprendizagem (CASTEX, 2008).

Em 2011, conclui minha dissertação de mestrado que tratou das aproximações entre o ensino e a aprendizagem histórica com o conceito substantivo “Religião” e seus derivados de mesma temática (PYDD NECHI, 2011). Nesta pesquisa contrastei a análise da narrativa de jovens do Ensino Médio com as narrativas dos livros didáticos utilizados por eles nos últimos 3 anos de suas vidas escolares. Os resultados apontam para uma grande influência das narrativas dos livros na vinculação realizadas pelos jovens entre conteúdos

históricos e a temática religiosa. Também merece destaque a predominância de narrativas indicadoras de consciência histórica tradicional e exemplar, dentro da divisão da tipologia proposta por Rüsen (RÜSEN, 1992), com poucas compreensões de características críticas ou genéticas, o que favorece, no caso específico das tradições religiosas, o preconceito e a dificuldade de tolerância e respeito a alteridade de outros sujeitos.

O professor João Bertolini, no mesmo ano, debateu em sua dissertação sobre o conceito histórico “Islã”, contrastando também as ideias prévias de jovens estudantes do ensino médio com a forma pela qual os livros didáticos apresentavam não só o ‘Islã’ mas a noção de Oriente como um todo (BERTOLINI, 2011).

Durante uma aula de História utilizou-se com os jovens a ferramenta “chuva de ideias” na qual o resultado indicou a prevalência de noções preconceituosas, superficiais e fortemente ligadas à guerra e à violência. Tais respostas impulsionaram o investigador a buscar compreender sua correlação com leis orientadoras de propostas curriculares e as narrativas dos livros didáticos usados pelos estudantes. Segundo o autor, a análise de livros didáticos aponta para uma noção limitada do Islã, com traços marcantes de preconceito, etnocentrismo – marcadamente o eurocentrismo – além de uma visão maniqueísta apresentada sobre forma de narrativa religiosa na descrição dos elementos da cultura oriental.

Ensino e Aprendizagem de História

Os trabalhos apresentados nesta seção nomeada “Ensino e Aprendizagem de História” referem-se a diversos aspectos desta intrincada relação formativa, ora focando em conceitos fundantes da teoria da História – como intersubjetividade, consciência histórica, identidade histórica e narrativa histórica – ora debatendo elementos da didática da História que possam contribuir com o desenvolvimento da consciência histórica dos estudantes – como canção popular, história em quadrinhos, cinema e História da cidade.

A professora Rosi Gevaerd privilegiou a análise do conceito de narrativa histórica em uma detalhada observação durante sua pesquisa de doutorado (GEVAERD, 2009). Durante um ano letivo a professora acompanhou aulas de História em uma turma de 5º ano do ensino fundamental na cidade de Curitiba. O estudo qualitativo buscou identificar a convergência – de fato encontrada – entre a estrutura de narrativas do manual didático, as propostas curriculares e as aulas ministradas pela professora. A pesquisadora aponta que predomina entre os dados coletados a noção de uma narrativa histórica tradicional do estado do Paraná.

Ficou evidenciado que a concepção de história presente nas narrativas dos manuais didáticos usados pela professora é, de modo geral, a de uma história factual, acrítica e cronológica. Uma história construída a partir de ‘grandes vultos’ e ‘heróis’, apresentando datas que determinam épocas de fatos e acontecimentos, em uma concepção de cunho positivista da história (GEVAERD, 2009: 287).

Esta tese apresenta inúmeras conclusões relevantes para a área da Educação Histórica. Além da predominância do ensino da História de forma tradicional, convergente nos manuais, nas diretrizes e na fala das professoras, a autora aponta que a professora observada utiliza construções e interpretações de sua própria consciência histórica, com elementos não presentes nos livros, especialmente quando realiza mediações de aprendizagem com os alunos. As aulas analisadas apresentaram foco em memorização, oportunizando poucas narrativas elaboradas pelos estudantes, dentre as quais não foram observadas ideias de multiperspectividade da História. Gevaerd, ao fim, defende um debate historiográfico que subsidie uma reconstrução curricular no que tange à história do Paraná e a “necessidade da incorporação, por parte dos professores, da ideia de narrativa histórica como uma maneira de aprender e ensinar história” (GEVAERD, 2009: 291).

O professor Geyzo Germinari, ao desenvolver seu projeto de pesquisa de doutoramento no ano de 2010 trabalhou com os conceitos de consciência histórica, identidade de jovens e História da cidade, especificamente de Curitiba. O objetivo de sua pesquisa foi buscar compreender como jovens curitibanos desenvolvem sua identidade histórica através da consciência histórica em relação à História da cidade onde vivem. O resultado da aplicação de questionários semiestruturados em 174 jovens do ensino médio aponta para uma forte influência de uma determinada visão política da cidade, construída intencionalmente pelos governantes nos últimos 40 anos. Segundo o autor:

A identidade coletiva manifesta-se em dois sentidos por um lado, a maior parte dos jovens tem uma visão positiva da cidade: valorizam os parques, as áreas verdes, o transporte coletivo, o planejamento urbano e os espaços de lazer, ponto de vista fortemente marcado pela ideia de Curitiba cidade modelo de urbanização, criada pela administração pública, a partir da década de 1970. De outro lado, em menor escala, os jovens percebem uma cidade com problemas sociais, semelhantes aos sofridos por outras cidades, como a violência e a pobreza (GERMINARI, 2010: 158).

O pesquisador ainda aponta que esta tensão entre a consciência histórica dos jovens e a identidade histórica forjada pela ideia de pertencimento a cidade, influencia sua experiência de presente. Dados relevantes sobre os currículos e os livros didáticos, os quais os sujeitos da pesquisa utilizaram, apontam para uma grande influência intencional do processo de escolarização nesta constituição de reconhecimento da cidade como ‘cidade modelo’, até mesmo quando a própria experiência de vida perante adversidades da mesma cidade contrastava com a imagem oficial. Dentre suas conclusões, Germinari sugere a necessidade de se investigar a forma como professores se relacionam com o passado da cidade de Curitiba em articulação com suas estratégias de ensino, a possibilidade de estudos de narrativas em manuais didáticos e aulas para ensino fundamental e, por fim, a realização de estudos comparativos com outras cidades.

O professor Marcelo Fronza realizou dois importantes trabalhos a partir de seu interesse no uso de histórias em quadrinhos para a didática da História. Em sua dissertação de mestrado, de 2007, discorreu sobre o significado das histórias em quadrinhos para a aprendizagem histórica de jovens do ensino médio. Em 2012, o aprofundamento da temática foi realizado em sua tese de doutoramento na qual debateu os conceitos de intersubjetividade e verdade na aprendizagem histórica dos jovens, também a partir da relação com as histórias em quadrinhos.

Metodologicamente, Fronza solicitou aos alunos que comparassem duas histórias em quadrinhos diferentes sobre o mesmo fato histórico, a independência do Brasil. Posteriormente os jovens também produziram suas próprias histórias em quadrinhos. Dentre tantas contribuições relevantes, contidas nos resultados desta investigação, destaca-se o papel fundamental da cultura juvenil no processo de aprendizagem histórica:

Por isso entendo que o local da cultura juvenil numa matriz didática da História está vinculado as formas históricas e narrar pertencentes a essa cultura e que explicitam os valores máximos da dignidade humana: os direitos a igualdade e a liberdade (FRONZA, 2012: 434.).

A cultura juvenil aparece como elemento determinante também na pesquisa de Luciano de Azambuja (2013), porém relacionada com canções populares e aprendizagem histórica. Azambuja investigou narrativas produzidas por jovens estudantes brasileiros e portugueses a partir de leituras e escuta de canções como fontes históricas, escolhidas dentro de seus repertórios de gostos pessoais.

Como conclusão de sua pesquisa o autor propõe “seis perspectivas-princípios sobre o ensino e aprendizagem histórica a partir do trabalho com a canção popular”: a narrativa de vida – como forma de diagnosticar a identidade histórica de jovens inscritos na cultura; a relevância da música na vida prática cotidiana dos jovens; a compreensão da música como fonte histórica passível de utilização na aprendizagem histórica; a aula-audição como atividade didática intencional de compreensão das canções como fonte histórica; a canção popular como elemento complexo de influência na subjetividade humana e, por fim, as protonarrativas da canção, como respostas primeiras dos estudantes a questões históricas remetidas às canções, denotando os primeiros significados e sentidos desenvolvidos pelos jovens (AZAMBUJA, 2013: 476).

Também de 2013, a dissertação de mestrado da professora Solange Nascimento investigou um relevante aspecto na intersecção entre Literatura e História, sobretudo no uso de narrativas literárias pelos manuais didáticos de História de anos iniciais. Foram investigadas nove coleções de livros didáticos aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático do governo brasileiro. O resultado desta pesquisa apresenta a possibilidade e necessidade de compreensão da aproximação entre educação histórica e literatura. A autora aponta, também, que nos livros analisados há uma grande presença

de narrativas literárias, porém as atividades propostas carecem de teórico relativo à aprendizagem histórica, pois predominam atividades que instigam apenas a apropriação da linguagem escrita (NASCIMENTO, 2013).

No ano seguinte, o professor Eder de Souza aprofundou o debate sobre elementos da cultura histórica e da cultura juvenil no processo de aprendizagem histórica. Apesar do autor ter como objeto de estudo o uso de filmes em aulas de História, temática já estudada em outras abordagens, sua tese se diferencia e adquire suma importância por investiga-la sob a perspectiva da Educação Histórica, com conceitos próprios a ela como literacia histórica, cognição histórica situada e consciência histórica.

Em termos empíricos, a pesquisa utilizou a metodologia de grupo focal, oportunizando a um grupo de jovens a transmissão e debates de três filmes com o mesmo tema histórico – nazismo. Segundo o autor, o uso de filmes em aulas de História possui um grande potencial, desde que sejam utilizados critérios científicos históricos para a interpretação e análise das fontes:

A linguagem fílmica possibilitou o aumento das experiências históricas de forma complexa, tanto num sentido quantitativo quanto qualitativo. Essas mesmas experiências, no entanto, precisaram ser confrontadas com critérios de validação do conhecimento, para que efetivamente contribuíssem para uma orientação histórica racional (SOUZA, 2014: 334).

Entre as vantagens do uso deste recurso são citados ganhos cognitivos em diversos sentidos “que vão desde a ruptura com um padrão pré-concebido de filmes como janelas abertas ao passado, e também a compreensão da História como um campo em disputa, no qual perspectivas divergentes são possíveis e devem ser levadas em consideração.” (SOUZA, 2014: 335). Porém, a aprendizagem histórica por meio de filmes também apresenta limitações. A narrativa dual ou maniqueísta, própria da maioria dos roteiros cinematográficos, limita a compreensão da multiperspectividade histórica. Assim, os jovens da pesquisa, também demonstraram dificuldade em lidar com a História dita sobrecarregada, ora tomando partido de forma dicotômica, ora se distanciando e enfraquecendo laços de empatia histórica.

No presente ano de 2015, a investigação do professor Tiago Sanches teve como foco a relação entre as ciências pedagógicas e a História na constituição da didática da História para os anos iniciais. Vale destacar que, no Brasil, os professores da educação infantil até o 6º ano do ensino fundamental são generalistas, isto é, possuem graduação em magistério e/ou Pedagogia. Desta forma, sua formação para lecionar História restringe-se às matérias de metodologia de ensino de História. Para Sanches:

a Didática da História específica para os anos iniciais assumiu, ao longo de sua constituição, diferentes aspectos teóricos e funcionais, propiciando diversas orientações metodológicas referentes ao ensino da disciplina. Dentre estas orientações pode-se

ressaltar que houve, no seu percurso de constituição, uma escolarização do conhecimento histórico, objetivando a transposição do conhecimento histórico científico em conhecimento histórico escolar (SANCHES, 2015: 135).

Esta escolarização do conhecimento muitas vezes não levou em consideração as especificidades da ciência da História e dos desdobramentos das pesquisas em didática da História, tendo como resultado um processo de transposição didática, na qual cabe aos professores de sala de aula apenas reproduzir conceitos desenvolvidos por pesquisadores. O pesquisador conclui, destacando:

a aprendizagem histórica não pode ser compreendida apenas como uma apropriação de narrativas singulares sobre o passado, mas sim como um processo de desenvolvimento do pensamento histórico, que permita aos sujeitos compreenderem a si e ao seu mundo na perspectiva do tempo (SANCHES, 2015: 154).

Sujeitos da Aprendizagem Histórica

Dentre as últimas produções dos pesquisadores do LAPEDUH, duas se destacam por investigar a aprendizagem histórica intrinsecamente ligadas aos sujeitos desta aprendizagem. Porém, os conceitos de *juventude* e de *infância* utilizados pelas autoras não se referem somente às divisões estritamente biológicas ou de psicologias deterministas. Mas sim, ser jovem e ser criança em um determinado tempo histórico, com seu contexto e suas concepções culturais que lhes atribuem sentido e identidade.

A professora Lidiane Lourençato, em 2012, realizou sua dissertação de mestrado com pesquisas de campo em duas escolas públicas, com sujeitos a qual identificou como ‘jovens-alunos’, e suas concepções de evidência histórica, fonte histórica e temporalidade, subscritas em suas consciências históricas. Dentre suas conclusões encontram-se a percepção dos sujeitos sobre o que é ser *jovem*, na qual as respostas continham noções vinculadas à relevância do ensino de História:

[...] grande parte dos sujeitos investigados percebe que a sua condição de ser jovem está ligada a uma perspectiva de futuro, assim como a importância que vem no estudo da História. Para eles, ser jovem é se preparar para o futuro, estudar, tentar alcançar seus objetivos e a história serve para que, através do passado, seja possível entender o presente e planejar o futuro (LOURENÇATO, 2012: 110).

A pesquisadora também aponta para a influência importante de elementos da cultura histórica no desenvolvimento da consciência histórica de jovens alunos.

Em relação à infância, mais precisamente na Educação Infantil, a professora Andressa de Oliveira apresentou em 2013 sua dissertação de mestrado com importantes conclusões e desdobramentos da teoria da consciência histórica em relação a esta etapa de aprendi-

zagem. Seu trabalho, realizado com profundo rigor teórico, conseguiu aproximar as experiências didáticas investigativas inglesas, notadamente as da pesquisadora Hilary Cooper, com a profundidade das preposições de Jörn Rüsen, em uma pesquisa qualitativa baseada nos princípios metodológicos de pesquisa em colaboração e observação participante.

A pesquisa buscou compreender as possibilidades de aprendizagem histórica com crianças da educação infantil, entre 4 e 6 anos de idade. Como resultados, Oliveira afirma que:

É possível apontar que crianças, entre quatro e seis anos de idade, que participaram da pesquisa, demonstram ideias sobre a experiência humana no tempo, reconhecendo que a passagem do tempo incide em mudanças, isso pôde ser percebido ao se referirem as mudanças em sua vida, na de familiares - sabem que os pais já foram criança, jovem, se tornaram adultos, estendendo-se à outros casos (OLIVEIRA, 2013: 191).

Além da capacidade das crianças pensarem historicamente, este trabalho contribuiu para a percepção da influência do contexto histórico, político e cultural no qual estão inseridas as escolas públicas brasileiras, principalmente no que se refere a formação básica e a formação continuada de professores da educação infantil.

FORMAÇÃO E PRÁTICAS DE PROFESSORES

O LAPEDUH possui especial abertura, contato e preocupação com os profissionais da educação que se dedicam ao ensino da História, sejam especialistas ou professores generalistas das séries iniciais. Buscando superar a culpabilização irresponsável, muito comum em meios de comunicação de massa e até mesmo em políticas públicas voltadas à educação, os pesquisadores deste laboratório procuram diminuir o abismo entre a academia e a escola pública. Para tanto, constroem-se pontes nas quais os professores são compreendidos como sujeitos em sua alteridade, responsáveis e capazes pela formação de seus alunos e sua própria formação pessoal e profissional. Apresentam-se aqui teses e dissertações que procuram observar e compreender melhor o papel dos professores na relação de ensino e aprendizagem, os recentes cursos oferecidos pelo LAPEDUH e os resultados desta abertura materializado nas publicações da Revista de Educação Histórica (REDUH).

Teses e Dissertações sobre a Formação e a Prática de Professores

Ana Claudia Urban, professora da Universidade Federal do Paraná, concluiu seu doutoramento em 2009, com sua tese na qual observou elementos da didática da História no Brasil e na Espanha. Urban considera que exista um código disciplinar da didática da História e buscou compreendê-lo analisando manuais e legislações especificamente voltados a formação de professores, e narrativas de professores e alunos envolvidos neste processo.

Esta pesquisa com sujeitos e materiais de dois países aponta que “ensinar História não é aprender a transpor conteúdos” (URBAN, 2009: 172). O grande diferencial e que possibilita a atribuição de sentido e significado para a aprendizagem histórica está intimamente ligado com a maneira pela qual a epistemologia da História é consultada e empregada na constituição deste código disciplinar. A pesquisadora aponta, assim, a fundamental importância sobre as investigações da aprendizagem que enfoquem a cognição histórica situada.

Em 2011, o professor André Luiz Batista da Silva apresentou sua dissertação de mestrado, na qual investigou a relação entre as concepções de aprendizagem histórica de professores e a maneira pela qual lecionam esta disciplina. Os resultados, endossam a tese de Urban, pois indicam que os professores investigados possuem compreensões distantes da epistemologia da História. Segundo Silva, os professores se relacionam com a disciplina por meio de conteúdos substantivos, e concepções de aprendizagem pautadas por linhas da pedagogia e da psicologia (SILVA, 2011).

A Educação Histórica e a formação de professores foram os temas centrais da dissertação de mestrado do professor Thiago Divardim de Oliveira, que destacou a concepção de práxis na relação entre ensino e aprendizagem. Aproximando a teoria da consciência histórica de Jörn Rüsen com a perspectiva libertadora da pedagogia do brasileiro Paulo Freire, entre outros debates teóricos, Divardim de Oliveira inquiriu sete professores de História do município de Araucária no estado do Paraná.

Em seus resultados o autor pontua a centralidade da narrativa no processo de compreensão dos professores acerca do pensamento histórico de seus alunos. Concebendo os professores como intelectuais, esta pesquisa aponta potenciais caminhos para a formação inicial e continuada de professores, sempre levando em consideração as condições materiais a que tais sujeitos estão circunscritos (DIVARDIM DE OLIVEIRA, 2012).

O conceito de passado em sua relação com o conceito de segunda ordem significância histórica, foi o objeto de investigação da professora Rita Pacheco dos Santos, também adotando os professores como sujeitos da pesquisa. Santos, a partir da análise de respostas de dezessete professores de História, apresenta cinco categorias de concepções de passado: *passado estático*, *passado para criar empatia*, passado como memória ou memorização, passado exemplar e passado para orientação. A maioria dos professores investigados foi enquadrada na categoria passado para criar empatia. O processo de escolha dos livros didáticos utilizados e as concepções de passado e significância histórica também foram investigados (SANTOS, 2013).

A formação inicial e continuada de professores é também a preocupação das professoras e pesquisadoras Adriane Sobanski e Maria Auxiliadora Schmidt, que em artigo apresentado no XXVIII Simpósio Nacional de História realizam uma recapitulação das concepções da formação de professores de História. As autoras identificam tendências teóricas, políticas e de concepção de currículo que reforçaram a separação entre a formação de professores

e formação de historiadores. Assim, compreende-se ainda hoje o professor da educação Básica como um mero transmissor de conhecimentos elaborados na academia.

Um dos mais recentes documentos norteadores do currículo escolar da História, as Diretrizes Curriculares Nacionais, não resolvem esta problemática e, ainda, terminam por agravá-la:

Com essa orientação das Diretrizes Curriculares Nacionais, percebe-se, a forma como os cursos de História nas Universidades brasileiras separam, em seu currículo, uma grade com formação específica para a pesquisa, no caso dos estudantes do Bacharelado, e uma formação instrumental, para os estudantes que seguem a Licenciatura (SOBANSKI & SCHMIDT, 2015: 12).

As autoras reiteram a necessidade da investigação das estruturas dos currículos do curso de História nas universidades federais brasileiras, como instrumento de compreensão da identidade dos professores e as atuais necessidades de reestruturação de suas formações inicial e continuada.

A professora doutora Maria Auxiliadora Schmidt, responsável pela coordenação do LAPEDUH-UFPR, debate esta temática com profundidade, ampliando a discussão sobre a relação entre a ciência da História e o ensino de História, no âmbito da teoria da História de Jörn Rüsen. Em artigo de 2014, Schmidt utiliza o conceito de Cultura Histórica como categoria de referência para análise desta dicotomia.

Ao utilizar a Educação Histórica como referência, a autora sugere a tomada de pressupostos em relação aos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem da História. No que tange aos professores indica-se sobretudo uma “relação orgânica entre ensino e pesquisa” (SCHMIDT, 2014: 43), superando a concepção de reprodutores de um conhecimento prévio. Já em relação às crianças e jovens inseridos no processo de escolarização, aponta sobre a necessidade de: “procurar ver as crianças e jovens como construções históricas, sociais e culturais, entendendo as suas aprendizagens históricas também a partir das condições históricas e objetivas em que eles constroem a si mesmos e, portanto, da cidadania.” (SCHMIDT, 2014: 43).

Destes dois pressupostos a autora aponta a decorrência de um ensino de História que influa de forma dinâmica na sociedade em que tais sujeitos estejam inseridos, tendo em vista que se busca a formação da consciência histórica das crianças e jovens, das quais a formação do professor é fator preponderante.

Cursos de Formação de Professores

Além das pesquisas envolvendo professores, o LAPEDUH ofereceu nos últimos anos cursos de formação continuada para professores do estado do Paraná e do município de Curitiba.

Em 2013, o curso intitulado “O Trabalho com Fontes Históricas e a Literacia Histórica: Questões Teóricas e Práticas” procurou auxiliar a compreensão do desenvolvimento de atividades pedagógicas com o uso de fontes históricas. Pelo depoimento dos professores, pode-se notar que o uso de fontes históricas em sala de aula ainda não é totalmente disseminado nas escolas públicas brasileiras. Sobanski, que participou ativamente do curso ministrado por Schmidt, relata a proposta:

O curso se baseou na relação entre teoria e prática, considerada extremamente importante para a atuação de qualquer profissional de educação. Assim, contando com uma orientação teórica acerca da Educação História e dos elementos que a embasam, os professores foram conduzidos a uma nova proposta de trabalho: seleção de uma fonte histórica primária no Arquivo Público do Paraná, a qual deveria ser relacionada a um conteúdo específico trabalhado em sala de aula, independente do ano em que lecionassem (SOBANSKI, 2014: 133).

Em 2014, o tema foi “Arquivos, Linguagens Contemporâneas e Literacia Histórica” tendo como objetivo propiciar o aprofundamento teórico e prático das investigações no âmbito da Educação Histórica com ênfase no conceito de literacia histórica, e também o trabalho com fontes filmográficas em aulas de História utilizando o acervo documental da Cinemateca de Curitiba.

O destaque desta edição foi a promoção do debate de forma inovadora entre professores de escolas públicas estaduais e municipais e estudantes estagiários do curso de História da Universidade Federal do Paraná. A parceria também foi estabelecida com a Cinemateca de Curitiba, que ofereceu material filmográfico peculiar e de grande potencial de estudo. Desta forma, professores com muita experiência profissional e futuros professores puderam se aproximar das mais recentes discussões relacionadas à área da aprendizagem histórica, mais especificamente nas propostas do campo da Educação Histórica.

Nestas duas edições de cursos de formação de professores, observou-se que não se intencionou a transmissão de conhecimentos acadêmicos para os professores de forma unilateral. Os professores de História foram incentivados e acompanhados na produção de artigos científicos, apresentados em várias edições do Seminário da Educação Histórica³⁸ e publicados na Revista de Educação Histórica (REDUH)³⁹.

A REDUH, desta forma, se apresenta como uma ferramenta de emancipação e formação dos professores, os quais após anos de prática docente distante da universidade e dos debates acadêmicos, têm a oportunidade de se apropriarem e debaterem o conhecimento advindo de suas experiências de sala de aula. As últimas edições apresentaram

38 Os anais dos seminários podem ser acessados em <https://lapeduh.wordpress.com/arquivos/seminarios-de-educacao-historica/>.

39 <https://lapeduh.wordpress.com/revista/>.

como temática: “Trabalho com fontes e aprendizagem histórica” (REDUH 04); “A prática da sala de aula” (REDUH 05); “Debates contemporâneos” (REDUH 06) e “Arquivos, Linguagens Contemporâneas e Literacia Histórica” (REDUH 07).

CONTEXTO HISTÓRICO E POLÍTICO BRASILEIRO DA RECENTE PRODUÇÃO DO LAPEDUH

A professora Maria Auxiliadora Schmidt, também no ano de 2015, discute as concepções de aprendizagem presentes nos documentos oficiais brasileiros bem como a forma pela qual o conhecimento histórico é organizado. Para isto, a pesquisadora analisou documentos oficiais (Parâmetros Curriculares Nacionais), avaliações de larga escala (Exame Nacional do Ensino Médio), guia de critérios para livros didáticos, além de falas de professores e alunos do Ensino Médio.

Neste artigo (SCHMIDT, 2015) apresenta de maneira enfática a situação complexa e desafiadora da educação no contexto da sociedade brasileira, enfocando especificamente o Ensino Médio, etapa final da escolarização básica que atende jovens entre 15 e 17 anos.

Ao investigar a somatória de propostas apresentadas para esta faixa etária, Schmidt preocupa-se com o local e as atribuições da historiografia e da teoria da História na construção das novas opções de Ensino Médio vislumbradas. Aponta, assim, um tripé conceitual delicado: “contextualização, cotidiano e competências” (SCHMIDT, 2015: 96) que denotaria claramente uma compreensão da função da escola como exclusiva etapa preparatória para o mundo de trabalho, descartando a epistemologia da aprendizagem histórica no que se refere ao desenvolvimento de uma leitura crítica da sociedade.

A autora ainda se posiciona em relação a maneira pela qual a interdisciplinaridade é citada e prescrita nos documentos oficiais, coadunando-se com a pedagogia das competências e afastando-se definitivamente do ensino atento a formação da consciência histórica dos jovens alunos.

A pesquisadora Lidiane Lourençato também se debruça atualmente a compreender o impacto de algumas propostas do governo no campo de ensino de História. Lourençato apresenta a análise do “Programa Ensino Médio Inovador” (ProEMI), também do governo federal, que propõe uma reorganização curricular com participação dos jovens e dos educadores de cada escola.

A proposta do ProEMI endossa a ideia do ensino por áreas do conhecimento, comentado por Schmidt em relação aos Parâmetros Curriculares Nacionais, o que pode trazer consequências contraditórias no que tange a educação histórica. Para Lourençato, uma das contradições destas propostas é, ao fim do processo, a objetivação de um desempenho similar e quantificável:

Os documentos defendem que o redesenho curricular deve ser pensado atendendo às necessidades e expectativas dos estudantes do ensino médio, porém requer que todos os alunos, mesmo com suas especificidades, atinjam um mesmo patamar, uma vez que o desempenho no ENEM [Exame Nacional do Ensino Médio] é uma das formas de avaliar estas ações (LOURENÇATO, 2015: 382).

No campo político, cabe ressaltar que as notícias vindas do Brasil não são animadoras para o campo da educação como um todo. Face a uma crise política motivada e retroalimentada pela instabilidade econômica, a educação tem sido mais uma vez alvo de cortes e desestruturação, como é infelizmente corriqueiro neste país.

No início do ano, o governo federal realizou um corte de R\$ 7 bilhões (aproximadamente 2 bilhões de Euros) no orçamento destinado a educação⁴⁰ o que influencia diretamente a estrutura das universidades federais, muitas já em greve. Nos estados, a situação também é delicada. No estado do Paraná, no qual o LAPEDUH está situado, uma série de medidas do governo fragilizou ainda mais a educação pública. Enquanto o governo em medidas questionáveis utilizou o fundo de aposentadoria dos professores e demais servidores públicos para outros fins, aumentou salários e benefícios de políticos e o auxílio moradia para juízes, muito superior ao salário de professores em tempo integral.

Os desdobramentos das decisões governistas levaram a graves acontecimentos no primeiro semestre deste ano. Em momento de greve, professores que buscavam impedir as manobras citadas acima foram agredidos por forças especiais da polícia e por um imenso contingente da polícia militar no Centro Cívico de Curitiba, usado raramente na História do Estado. O resultado absurdo foram mais de 200 professores e alunos feridos durante horas daquilo que foi considerado um massacre⁴¹.

Os pesquisadores do LAPEDUH buscaram demarcar sua atuação política e, em uma força tarefa, construíram em menos de um mês o livro documental “Um Registro do 29 de Abril de 2015: Para não Esquecer”, organizado pelas professoras Maria Auxiliadora Schmidt e Ana Claudia Urban, do setor de Educação da Universidade Federal do Paraná. (URBAN & SCHMIDT, 2015).

Em suma, os trabalhos apresentados e as discussões estabelecidas por estes diversos pesquisadores avançam sob temas diferentes, mas com o entrelaçamento comum de investigações em Educação Histórica pautadas pela fundamentação na teoria da consciência histórica de Jörn Rüsen. Grande parte das pesquisas e avanços teóricos deve-se sobretudo à parceria com os colegas pesquisadores da Universidade do Minho de Portugal, com debates, investigações e discussões ocorridas anualmente nas Jornadas Internacionais de Educação Histórica.

40 http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/01/150108_corte_contas_ms_lgb.

41 <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2015/04/professores-entram-em-confronto-com-pm-durante-votacao-na-alep.html>.

As pesquisas em Educação Histórica no Brasil não se limitam ao grupo do LAPEDUH. Porém, a partir dos trabalhos investigativos deste grupo pode-se alinhavar alguns princípios metodológicos e políticos encontrados como substrato das pesquisas: a compreensão de professores como intelectuais e pesquisadores construtores de conhecimento; a necessidade de formação inicial e continuada de qualidade como política pública para os professores; a educação básica pública, gratuita e de qualidade; o ensino de História realizado a partir da teoria e da didática da História; e, por fim, a constituição da Educação Histórica como área de pesquisa que subsidie o processo de ensino e aprendizagem de História com vista ao desenvolvimento da formação (*bildung*) da consciência histórica e superação da visão mercadológica e utilitarista da educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZAMBUJA, L. (2013) – *Jovens alunos e aprendizagem histórica: perspectivas a partir da canção popular*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- BATISTA DA SILVA, A. (2011) – *Concepções e Significados de Aprendizagem Histórica na Perspectiva da Experiência de Professores de História*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- BERTOLINI, J. L. S. (2011) – *A Interpretação do Outro: A Ideia de Islã na Cultura Escolar*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- CASTEX, L. (2008) – *O Conceito Substantivo Ditadura Militar Brasileira (1964-1984) Na Perspectiva de Jovens Brasileiros: Um Estudo de Caso em Escolas de Curitiba – Pr*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- DIVARDIM DE OLIVEIRA, T. (2012) – *A Relação ensino e Aprendizagem como Práxis: A Educação Histórica e a Formação de Professores*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- FRONZA, M. (2012) – *A Intersubjetividade e a Verdade na Aprendizagem Histórica de Jovens Estudantes a Partir das Histórias em Quadrinhos*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- GERMINARI, G. (2010) – *A história da cidade, consciência histórica e identidades de jovens escolarizados*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- GERMINARI, G. (2011) – *Educação Histórica: A Constituição de um Campo de Pesquisa*. “Revista HISTEDBR On-line”, Campinas, n.42, jun2011, pp. 54-70. ISSN: 1676-2584.
- GEVAERD, R. T. F. (2009) – *A narrativa histórica como uma maneira de ensinar e aprender história: o caso da história do Paraná*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- LEE, P. (2001) – *Progressão da compreensão dos alunos em história* In *Jornadas Internacionais de Educação Histórica*, 1. Braga, Portugal. Actas... Braga, Portugal: UMINHO - Centro de Estudos em Educação e Psicologia.
- LEE, P. (2003) – *Nós fabricamos carros e eles tinham que andar a pé*. In *Educação Histórica e Museus - Jornadas Internacionais de Educação Histórica*, 2, Braga, Portugal. Atas... Braga, Portugal: UMINHO - Centro de Estudos em Educação e Psicologia. pp. 19-36.
- LEE, P. (2005) – *Putting principles into practice: understanding history*. In BRANSFORD, J. D. & DONOVAN, M. S., ed. - *How students learn: history, math and science in the classroom*. Washington: Academy Press.
- LEE, P. (2006) – *Em direção a um conceito de literacia histórica*. “Educar em Revista”, Curitiba, edição especial, pp. 131-150.
- LOURENÇATO, L. (2012) – *A Consciência Histórica dos Jovens-alunos do Ensino Médio: Uma Investigação com a Metodologia da Educação Histórica*. Dissertação de mestrado, Universidade de Londrina, Londrina, PR, Brasil.
- LOURENÇATO, L. & SCHMIDT, M. A. (2015) – *A Aprendizagem Histórica E Os Jovens Nos Documentos Orientadores Do Programa Ensino Médio Inovador*. In *Anais do Congresso Internacional das Jornadas de Educação Histórica 2014*. [Disponível online <http://www.anais.ueg.br/index.php/cijeh/article/view/3280>]
- NASCIMENTO, S. (2013) – *Narrativa Literária E Aprendizagem Histórica nos Anos Iniciais: Um Estudo a Partir de Manuais Didáticos de História*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.

- OLIVEIRA, A. (2013) – *Aprendizagem Histórica na Educação Infantil: Possibilidades e Perspectivas da Educação Histórica*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- PACHECO DOS SANTOS, R. (2013) – *A Significância do Passado Para Professores de História*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- PYDD NECHI, L. (2011) – *Educação Histórica e Religião: Aproximações a partir de um Estudo da Consciência Histórica de Jovens Alunos*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- RÜSEN, J. (1992) – *El desarrollo de La competencia narrativa em el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a consciencia moral*. Trad. Silvia Finocchio. Propuesta Educativa, Argentina, n.7, out.
- RÜSEN, J. (2001) – *Razão histórica. Teoria da história: os fundamentos da ciência histórica*. Trad. de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- RÜSEN, J. (2007a) – *Reconstrução do passado. Teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica*. Trad. Asta-Rose Alcaide. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- RÜSEN, J. (2007b) – *História viva. Teoria da história: formas e funções do conhecimento histórico*. Trad. de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- SANCHES, T. (2015) – *A Didática da História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental: Uma Análise a Partir da Educação Histórica*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- SCHMIDT, M. A. (2014) – *Cultura Histórica e Aprendizagem Histórica*. “Revista NUPEM” (Campo Mourão), v.6, n.10. p.31-50, jan./jun. 2014.
- SCHMIDT, M. A. (2015) – *Formação da consciência histórica ou desenvolvimento de competências? Considerações sobre o ensino de história para jovens brasileiros*. “Diálogos” (Maringá. Online), v. 19, n.1, jan.-abr./2015, pp. 87-116. DOI 0.4025/dialogos.v19i1.1064
- SOBANSKI, A. (2008) – *Como os Professores e Jovens Estudantes do Brasil e de Portugal se Relacionam com a ideia de África*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- SOBANSKI, A. (2014) – *Formação Dos Professores De História: Educação Histórica, Pesquisa E Produção De Conhecimento*. “História & Ensino”, Londrina, v. 20, n. 2, jul./dez. 2014, pp. 129-142. [Disponível online <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/19666/15986>]
- SOBANSKI, A. & SCHMIDT, M. A. (2015) – *Formação dos Professores de História: Educação Histórica, Pesquisa E Produção De Conhecimento*. In XXVIII Simpósio Nacional de História, Anais. [Disponível online http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428080539_ARQUIVO_ANPUH2015.pdf]
- SOUZA, E. (2014) – *Cinema e Educação Histórica Jovens e Sua Relação Com a História em Filmes*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- URBAN, A. (2009) – *Didática da História: Percursos de um Código Disciplinar no Brasil e na Espanha*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.
- URBAN, A. & SCHMIDT, M. A. (2015) – *Um Registro do 29 de Abril de 2015: Para não Esquecer*. Ed. W.A. editores. Curitiba, Brasil.

